



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na chegada a Maputo

Maputo-Moçambique, 08 de novembro de 2010

Presidente: Boa noite.

Jornalista: Boa noite.

Jornalista: O senhor acha que...

Presidente: Você sabe que o Coringão ganhou ontem à noite?

Jornalista: Melhor ainda.

Jornalista: Presidente, o senhor acha que o apoio dos Estados Unidos à Índia...

_____ : ...não teve tempo de guardar (incompreensível)

_____ : Não, é que o presidente Obama anunciou apoio à Índia, como membro permanente do Conselho de Segurança. Eu acho que é um passo numa boa direção de entender que os países em desenvolvimento têm que estar lá.

Jornalista: O que o senhor acha, contraria as pretensões brasileiras, Presidente?

Presidente: Não, veja, primeiro eu acho que é importante que haja reforma nas



Nações Unidas. Todos nós temos clareza de que a ONU não pode continuar sendo representada como se nós ainda tivéssemos saído da Segunda Guerra Mundial. Já faz 60 anos, a geografia política do mundo mudou, a geografia econômica mudou e, portanto, é importante que haja essa reforma. O Brasil há muito tempo briga por ela, o Brasil há muito tempo tem o apoio de todos os partidos. Todo mundo com quem eu conversei, nesses oito anos, diz que o Brasil deve estar no Conselho. Mas me parece que mesmo aqueles que são favoráveis não fazem nada para mudar, porque eles estão lá, se segurando em um cargo, e isso está diminuindo a importância da governança global. É importante que a gente tenha uma ONU fortalecida, uma ONU mais representativa, uma ONU que fale um pouco a política do século XXI. Eu acho que vai haver um processo de amadurecimento.

Nessa crise econômica de 2008, ficou muito clara a fragilidade dos instrumentos multilaterais para tomar decisão e fazer com que os países cumpram. Então, acho que ficou mais clara também a necessidade do fortalecimento da governança global. E obviamente que a ONU é o mais importante organismo multilateral que nós temos no mundo.

Jornalista: O senhor que começar pelos Estados Unidos é o início, então, dessa reforma da ONU? Apesar de não ser para o Brasil o apoio?

Presidente: Olha, eu acho que... Veja, eu acho, eu acho que é impensável que você tenha reforma na ONU e que você não tenha os continentes representados. As brigas, todo mundo sabe... a África tem que estar representada, o problema é discutir se é um, se são dois ou se são três países. A América Latina tem que estar representada, é saber se é um, se são dois ou se são três países. A Alemanha tem que estar, o Japão tem que estar, ou seja, todo mundo, a Índia tem que estar. O que é importante é o seguinte: vamos começar o debate da reforma, depois que estiver consolidada a reforma, aí a



gente então vai discutir quais os países que vão participar. Agora, é impensável, gente, é impensável que seja possível discutir reforma das Nações Unidas sem a participação da Índia, sem a participação do Brasil, sem a participação da África. É impossível, é impossível.

Jornalista: Mas o apoio à Índia não acaba com as pretensões do Brasil?

_____ : Não tem nada a ver, gente. No Brasil (incompreensível).

Presidente: Pelo contrário, os Estados Unidos são apenas, apenas... Os Estados Unidos são apenas uma voz dentro de um Conselho de cinco. Ou seja, nós temos os Estados Unidos que nos apoiavam, nós temos a França que nos apoiava, nós temos a Inglaterra que nos apoiava, a China que nos apoiava. É só saber qual é o momento e que reforma que nós vamos fazer.

Jornalista: O senhor ficou decepcionado de eles terem...?

Presidente: Não, não, pelo contrário, pelo contrário. O Brasil defende a participação da Índia, a Índia faz parte do G-4, o Brasil, Índia, Alemanha e o Japão. A Índia faz parte desse grupo que reivindica. Eu só espero que o presidente Obama faça agora, desse compromisso dele com a Índia, uma profissão de fé e consiga, efetivamente, abrir o Conselho de Segurança para que outros países possam participar, só isso.

Jornalista: Presidente, houve mais um problema este ano com o Enem. Isso preocupa o senhor, preocupa o governo?

Presidente: Veja, não preocupa porque eu estive ontem à noite com o ministro Fernando Haddad. Ele, inclusive, não veio comigo para Moçambique a pedido



dele, para conversar muito com o MEC desse assunto. O que se descobriu ontem é que um jornal de Pernambuco, um jornalista tentou fazer, ou demonstrar uma fraude ou uma fragilidade do sistema. É muito difícil, é muito difícil você lidar com seriedade, quando você tem pessoas que não agem com seriedade. A Polícia Federal está investigando, o Enem foi um sucesso extraordinário, foram mais de 3 milhões de jovens que participaram. Não vai ser um ou outro caso que vai impedir o sucesso do Enem. O dado concreto é que na conversa que eu tive com o ministro Fernando Haddad ontem, o sucesso do Enem foi total e absoluto.

Jornalista: Mas houve problema com perguntas também, Presidente, um erro, não foi só esse...

Presidente: Mas não tem... Mas nada, mas nada, mas nada que tenha causado nenhum problema no resultado e na prova. Nada, sabe? Nada.

Jornalista: O senhor acha que não afeta a imagem do Enem?

Presidente: Eu acho que não afeta. Tem muita gente que quer que afete, porque até hoje tem gente que não se conforma com o Enem. Mas, de qualquer forma, ele provou que é extraordinariamente bem-sucedido.

Jornalista: E o G-20, Presidente? Qual é o ânimo? Como é que o senhor chega ao G-20?

Presidente: Olha, eu chego ao G-20 com a mesma perspectiva que eu participei da primeira vez. Eu acho que o G-20 deu uma contribuição importante para a crise econômica. Mas o G-20 ainda não constituiu os instrumentos multilaterais capazes de evitar que novas crises aconteçam no



mundo.

Nós, por exemplo, estamos percebendo uma demora nos Estados Unidos e uma demora na Europa de resolver o problema da sua crise, sobretudo na questão do mercado interno, do consumo. E isso é condição básica para que a economia volte à normalidade.

Nós vamos continuar brigando para que a gente tenha um comércio cada vez mais livre. Vamos continuar brigando para que a Rodada de Doha seja concluída e vamos continuar brigando para que, de uma vez por todas acabemos com essa guerra cambial, que não interessa ao mundo.

(\$31EGJLQ)